

A utilização das fontes orais em histórias comunitárias

Rejane Penna

1. Renovação historiográfica e projetos comunitários

Durante muito tempo, a historiografia tradicional sofreu críticas por ter se fundamentado em noções extremamente restritas do que importava e de como fora gerada a mudança histórica. Salientava-se os vínculos entre concepções limitadas e as noções igualmente restritas das fontes históricas na qual baseavam narrativas e análises, bem como a questão da verdade e do que poderia ser provado.

Em contrapartida, os novos rumos do pensamento histórico incluíam diferentes sujeitos e fontes para a leitura dos homens em sociedade, inclusive considerando as “pouco confiáveis” fontes orais como relevantes. Fundamentavam-se num entendimento mais complexo da memória e da identidade, sugerindo meios inovadores e estimulantes para tirar-lhes maior proveito visando a pesquisa histórica.

Abrira-se o caminho para estabelecer relações entre reminiscências individuais e coletivas, entre memória e identidade, ou entre entrevistador e entrevistado, no que Revel denominou de recuperar “as mediações existentes entre a racionalidade individual e a identidade coletiva¹”.

Mais adiante, a partir dos anos oitenta, consolidaram-se os programas de pós-graduação em História e Ciências Sociais, enfocando a História Social e Cultural. Vários pesquisadores encontraram espaço para produzir suas pesquisas, explorando temáticas como a classe trabalhadora brasileira, a história de bairros, as minorias e grupos discriminados, como negros e mulheres, ou o estudo de grupos específicos definidos por gênero, etnia, através da análise de práticas identificadas como rotineiras, dos micro-poderes e dos modos de sujeição e de subjetivação.

Integrando essas transformações, o trabalho com fontes orais, recusando apenas a versão das tradicionais fontes escritas, possibilitaria a visibilidade àqueles que, de uma forma ou de outra, não obtiveram dos pesquisadores o privilégio de constituírem-se em testemunhos da História, permitindo novas leituras e significações.

Muitos historiadores engajados na militância política envolveram-se nas publicações sobre memórias de bairros, em um sentido de “resgate”, de dar voz ao oprimido. Integravam os denominados projetos comunitários, surgidos na conjuntura de abertura política, após longos anos de ditadura brasileira, tanto por iniciativa dos próprios moradores dos bairros, como das prefeituras municipais, descobrindo, construindo ou reafirmando algum tipo de identidade.

Importa salientar que a questão da identidade, bastante debatida na área das Ciências Humanas, recebeu pouca atenção dos historiadores, resultando em trabalhos de pesquisa que não refletiram o suficiente sobre suas complexidades e desdobramentos.

Talvez essa simplificação tenha influenciado na ilusão de poder conduzir os indivíduos a uma nova forma de ser e de se representar, ignorando que a identidade é, antes de mais nada, relacional. Somos o que pensamos que somos sempre frente ao outro, construindo nossa identidade na relação com indivíduos e grupos imersos na História

¹ REVEL, 1998: 25

Existiriam espaços privilegiados de rearticulação de identidades². Como referência, as associações de moradores, os grupos reivindicativos dos direitos da mulher e de outros segmentos preteridos em termos de direitos sociais, e ainda organizações de defesa do meio ambiente, grupos de apoio a populações marginalizadas, todos em busca de uma ampliação de suas possibilidades de inserção na sociedade.

Seguindo esse raciocínio, os bairros habitados por categorias humildes da sociedade permitiriam a abordagem de vários grupos excluídos no seu dia-a-dia, na parcela mais íntima de sua vivência e convivência. O bairro, sendo o local que um indivíduo mora é a parcela conhecida do espaço público no qual se sente reconhecido, transformando-se em espaço privado particularizado pelo fato do seu uso quase cotidiano³, colando-se ao indivíduo e atestando sua origem e forma de apropriação do local.

3. Bairro, identidade e fontes orais

Na maior parte dos trabalhos enfocando histórias de bairro, o recurso à fonte oral justifica-se tanto por necessidade metodológica, por vezes, imposta pela inexistência de outras fontes, como por constituir-se em método privilegiado em pesquisas com temáticas relacionadas a comunidades e contemporaneidade, permitindo uma maior aproximação entre pesquisador e objeto de sua investigação.

Observa-se em vários desses trabalhos, os conteúdos claramente políticos utilizados para divulgar propostas político-partidárias, ressaltando que estas possibilitariam que a comunidade contasse sua própria história e se apropriasse do produto desse trabalho. Dotada de auto-estima, com uma identidade forte e renovada, literalmente se “libertaria”, na “práxis” da cidadania estimulada.

Igualmente, estabelecem seus pressupostos teóricos em uma autodenominada abordagem crítica, em contraponto a uma suposta historiografia oficial, rotulada vagamente de monótona e conservadora ou de um conteúdo que conferiria à cultura um papel subversivo frente à historiografia oficial.

Para que possamos avançar pergunta-se: o que seria a historiografia oficial? Estariam se referindo aos trabalhos dos memorialistas locais?

Neste caso, há uma defasagem, à medida que atualmente constituem minoria, tendo seu processo de substituição como cronistas oficiais das cidades, sido deflagrado a partir dos anos setenta e, mesmo que ainda influenciando a visão sobre a história de suas cidades ou bairros, dificilmente estão associados a um trabalho de construção oficial da imagem dos municípios ou bairros.

As narrativas que integram boa parte dos novos trabalhos, em sua maioria, são provenientes de moradores da comunidade enfocada e os discursos veiculados dotados de um caráter de adesão às propostas de determinada corrente

² MENDONÇA:6

³ CERTEAU:1996:40.

política, percebido pelas denúncias apontadas, sempre relativas a administrações anteriores e enfatizando conquistas e melhorias na atual gestão.

Supostamente, monta-se um quadro de depoimentos para além de meras simpatias partidárias, mas em tudo semelhante ao de uma militância política verdadeiramente engajada. O resultado da organização da coleta de depoimentos assemelha-se a publicações oficiais político-partidárias, com o testemunho exercendo a função de discurso mobilizador⁴.

No processo de disputa e negociação sobre qual memória é mais ou menos válida como discurso de trajetória, conquistando o direito de compor a trama histórica, os depoimentos escolhidos para integrar as memórias de bairros possuem uma semelhança entre si. As múltiplas vozes direcionam-se para a defesa das mesmas reivindicações, selecionando fatos significativos semelhantes, compondo um todo que teria como função formar o contradiscurso ao que consideram oficialismo histórico.

Na América Latina, um dos trabalhos mais conhecidos que se enquadra nesta tendência é o de Martha Harnecker, privilegiando nos depoimentos os que supostamente teriam a capacidade de verbalizar a experiência coletiva⁵:

Nesse caso, a localidade pesquisada configura-se como um todo homogêneo, onde as múltiplas experiências convergem em uma direção, percebida e explicitada por um de seus membros, o qual, possuindo a capacidade de sintetizar não somente a sua vivência, mas a da comunidade, transmite seu relato para a posteridade.

O que se questiona é em que medida, não levando em consideração a história pessoal e atrelando entrevistas a esquemas teóricos previamente determinados, consegue-se levar realmente em consideração a multiplicidade dos pontos de vista.

A reconstrução histórica pelo estímulo à memória, com frequência, é vista como contribuição para o aguçamento da consciência dos sujeitos históricos de pertencimento a determinado grupo. Ocorre que, muitas vezes, nesse tipo de trabalho em sua função de mobilização política, recria-se um mundo em que os discursos das diversas categorias sociais, em posições subalternas ou dominantes não se inter cruzam, como se percorressem corredores paralelos, negando uma “circularidade” entre cultura subalterna e a dominante.

Independente do referencial teórico, já existem trabalhos enfocando a cultura operária, ou demais categorias pouco privilegiadas, econômica e socialmente, em seu contato com outras categorias sociais, onde a utilização das

⁴ DUTRA. 1999:1077. A autora exemplifica esta tendência acrescentando: “Isto pode ser bem aquilatado nos depoimentos de sindicalistas e militantes do PTB, do PCB, também integrantes do acervo do projeto de História Oral/FAFICH/UFMG” (*idem*).

⁵ HERNECKER e RAUBER, 1996:26.

fontes orais proporciona a multiplicidade de visões que reconstróem a complexidade das interações sociais⁶:

A utilização do método de história oral trouxe a possibilidade da comparação entre os discursos patronais e operários sobre o universo fabril. Essa explosão de enunciados diferentes – não há uma fala operária, como não há uma única fala patronal – em torno de um mesmo fato (o interior fabril) pode vir a permitir, não o conhecimento global da realidade estudada, mas uma percepção plural do objeto de pesquisa.

O termo “percepção plural” designa o que talvez seja a maior contribuição do método de história oral, entretanto, não se percebe esse movimento na maior parte das publicações sobre histórias de bairros, revelando um discurso unívoco que se realimenta e reafirma a cada depoimento, negando a pluralidade de representações constituídas pelas histórias de vida entrelaçadas pelo contexto histórico.

Então, os trabalhos perdem-se nas disputas pela memória, configurando um processo em que um grupo elabora um ponto de vista, restando, portanto, fixá-lo na memória dos demais, tendo em vista existir na sociedade várias memórias em construção, conflitantes e concorrentes.

Também identifica-se em alguns trabalhos sobre comunidades, a tentativa de dinamizar a escrita da História, inserindo a fonte oral, o que denota a concepção de que a utilização de um tipo diferenciado de fonte encaminhe o historiador a ultrapassar uma concepção tradicional, baseada apenas em fontes oficiais. Presume-se, ainda, que narrando sua própria história, as pessoas, de alguma forma, recuperem as rédeas do seu destino – o que significaria adquirir uma identidade que impulsionasse suas ações.

Nos trabalhos sobre memórias de bairros, os problemas já iniciam quando verifica-se ausência de informações sobre a situação presente do entrevistado, elemento fundamental para análise da representação do acontecido, o que demonstra o desconhecimento dos autores a respeito dos mecanismos da memória e sua capacidade de reelaboração do passado, a partir do seu presente.

É comum a análise ou recorte dos depoimentos ter a função de corroborar as idéias iniciais expostas nos trabalhos. Os trechos selecionados são utilizados para apresentar um acontecimento, ou ilustrar um tema, como por exemplo, a luta pela infra-estrutura local, quando são arrolaram vários depoimentos, para comprovar que as melhorias foram conquistas da comunidade.

Seria importante trabalhar com aspectos como o da construção social da memória, em que um grupo opera em conjunto a criação de esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos. O resultado é um material de base com uma forma histórica própria, consagrando uma *versão* dos acontecimentos, podendo ser elucidados muitos aspectos nas formas de representação das comunidades e suas conseqüências sobre os comportamentos.

Nesse sentido, os depoimentos divergentes não podem ser descartados ou meramente confrontados para ver “quem está com a verdade”; Todos têm significados que necessitam de compreensão, à medida que a narrativa foi mediada por múltiplos elementos. Logo, o que enriquece uma história reconstruída por depoimentos é, justamente, a diversidade de interpretações, resultantes do próprio processo de vida – que é História – do narrador.

⁶ VIDAL:1996:240.

5. Concluindo

Em linhas gerais, os trabalhos buscaram contrapor uma história alternativa à historiografia oficial, no que as fontes orais tiveram papel preponderante. A tarefa foi prejudicada quando buscou-se um discurso unívoco, perfeitamente harmonizado com determinado discurso político, talvez constituindo uma nova forma de historiografia oficial, tanto criticada pelos autores em seus trabalhos, simplificando a dinâmica social e tornando estes trabalhos pouco significativos e estigmatizados.

Abordando a complexidade das relações sociais e suas implicações nas representações e falas dos indivíduos, os estudos sobre comunidades que rompessem com um discurso único teriam mais chance de contribuir para a compreensão das suas histórias, ultrapassando a noção ingênua do poder de conduzir as pessoas na construção de suas identidades.

É comum dotar o trabalho com as fontes orais de um poder que talvez a ultrapasse, fundado na crença, não apenas da capacidade transformadora da escrita da História, mas da certeza de que a tomada de consciência dos indivíduos entrevistados ocorrerá em sentido semelhante ao do entrevistador, compartilhando, ideais, metas e formas semelhantes de pensar a organização da sociedade. Uma direção oposta de pensamento e rumos talvez não seja reconhecida pelo entrevistador-pesquisador como “tomada de consciência” e transformação do depoente no sujeito de sua história.

O que talvez não tenha sido levado em consideração nessa pretensão de conduzir as identidades dos indivíduos, é o fato de que suas trajetórias e a relação com os outros não são elementos exógenos e sim interdependentes, porque a experiência social do homem não tem nenhuma significação sem o outro.

O simples fato de sair de casa e andar pela rua é efetuar um ato cultural, não arbitrário, que inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes. Esta relação entre uma pessoa e o mundo físico e social resulta em uma variedade de comportamentos e visões que não permitem que os seres humanos, por mais semelhantes que tenham sido os caminhos percorridos, veiculem os mesmos discursos e seleção de imagens históricas, a não ser que sejam direcionados.

Lidar com esta diversidade identitária natural foi a maior dificuldade enfrentada por vários trabalhos e não as decorrentes da própria instabilidade da fonte oral, em termos tanto subjetivos como objetivos. O que realmente impediu um maior desenvolvimento das propostas para além de meras impressões ou mobilização política, foi a convergência das dificuldades específicas ao trabalhar com este tipo de fonte, que ultrapassam as escritas, com as deficiências teóricas, mesmo que acompanhadas das melhores intenções no sentido de valorizar e revitalizar as histórias comunitárias.

Nesse tipo de trabalho torna-se necessário repensar o que consideram fortalecimento de uma identidade que reforce a prática da cidadania, pois conferindo uma aparência de homogeneidade a conjuntos desiguais e heterogêneos, entrega-se a sociedade um mero panfleto político que convencerá apenas aos seus pares. O que resulta é um relato que

se pretende mobilizador, mas que na realidade apenas simplifica a complexidade e riqueza da História, constituindo-se em uma pobre imitação de vida, desprezando o fato de que nem sempre a expressão de diferenças significa a perda de controle de um projeto político ou o reforço a desigualdades.

Referências bibliográficas

- BOCK, Ulrike. **Identidade e alteridade em João Ubaldo Ribeiro: um brasileiro em Berlim.** Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. www.rwl.info/infos/ptw9902a.pdf, acessado em março/2003.
- CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre, **L' invention du quotidien. 2. Habiter, cuisiner**, Paris, 1994.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Para uma sociologia histórica dos testemunhos: considerações preliminares -** Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20:1999:Florianópolis) História: fronteiras? Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999, vol.II.
- HERNECKER, Marta e Rauber, Isabel Bogotá-Colombia. **Centro de Estudios y Documentación sobre América Latina.** CENDAL. 1996.
- MENDONÇA, Maria Luiza. **Comunicação e Cultura: um novo olhar.** Revista Novos Olhares, número 1, primeiro semestre de 1998, ECA-USP
- REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VIDAL, Diana Gonçalves. **Memória operária: um estudo de caso com a utilização do método de História Oral.** In: Meihy, José Carlos Sebe (org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.